

A "distância" ao nosso alcance

José Miranda Justo

Bertolt Brecht

Teatro 1

Baal

Tambores na noite

A boda

O mendigo ou O cão morto

Expulsando um demónio

Lux in tenebris

A pesca

Na selva das cidades



Bertolt Brecht, *Teatro 1 (Baal; Tambores na noite; A boda; O mendigo ou O cão morto; Expulsando um demónio; Lux in tenebris; A pesca; Na selva das cidades)*, trad. Adélia Silva Melo, Jorge Silva Melo, José Maria Vieira Mendes, Vera San Payo de Lemos, Ed. Cotovia, Lisboa 2003, 354 pp.; *Teatro 2 (A vida de Eduardo II de Inglaterra; Um homem é um homem; Ascensão e queda da cidade de Mahagonny; A ópera de três vinténs)*, trad. António Conde, João Lourenço, Manuel Resende, Vera San Payo de Lemos, Ed. Cotovia, Lisboa 2004, 382 pp.

Jorge Silva Melo, José Maria Vieira Mendes e Vera San Payo de Lemos coordenam o projecto de publicar em tradução portuguesa uma muito ampla selecção do teatro de Brecht, distribuída por oito volumes e cobrindo toda a produção do autor, desde os primeiros trabalhos de 1918 e 1919, até ao final da vida. Desses oito volumes estão já publicados dois e, embora ainda estejamos longe de ver o fim do projecto, é já possível não só compreender os objectivos e os critérios do empreendimento (que naturalmente já estavam explicitados no primeiro volume, e que inclusivamente foram comentados pelos próprios organizadores na imprensa diária ou semanal por altura do respectivo lançamento¹), mas também avaliar um conjunto de resultados que com a publicação do segundo volume ganha – permita-se a expressão – "massa crítica" suficiente para se formular um juízo que não seja essencialmente decorrente do muito que já se sabia sobre os membros da equipa, sobre as exigências que eles próprios colocam nos seus trabalhos, dois deles aliás com largos anos de dedicação ao teatro e de intensa convivência com a escrita, com a experimentação e com o pensar brechtianos. De facto, os quatro textos publicados no segundo volume, ao darem testemunho do período em que ganha corpo e consistência no pensamento de Brecht aquilo que ficará conhecido como "teatro épico", aproximam-nos decididamente dos aspectos mais nucleares do pulsar vital da criatividade brechtiana e, conseqüentemente, dos problemas mais decisivos (por vezes, os mais críticos e mais complexos) da "tarefa do tradutor" perante uma multiplicidade de recursos dramáticos que, logo à partida, para os públicos de língua alemã, foram muitas vezes, no mínimo, desconcertantes.

Não é a primeira vez que se inicia um projecto de publicação de Brecht em larga escala em língua portuguesa. Silva Melo, a finalizar um prefácio que, sendo anteposto ao primeiro volume, se destina de facto a apresentar toda a colecção, enumera abreviadamente vários momentos da

¹ Cf. *Expresso*, "Actual", 22-11-2003, e *Público*,

"Mil Folhas", 10-01-2004.

Bertolt Brecht

Teatro 2

A vida de Eduardo II
de Inglaterra

Um homem é um homem

Ascensão e queda da cidade
de Mahagonny

A ópera de três vinténs



>
A ópera de três vinténs,
 de Bertolt Brecht
 e Kurt Weill,
 enc. João Lourenço,
 Teatro Aberto, 1992
 (Sofia de Portugal e
 Fernando Luís),
 fot. João Lourenço.



>
A ópera de três vinténs,
 de Bertolt Brecht
 e Kurt Weill,
 enc. João Lourenço,
 Teatro Aberto, 1992
 (Sofia de Portugal e
 Fernando Luís),
 fot. João Lourenço.



recepção de Brecht em Portugal, quer no que toca a representações, quer no que respeita a publicações, e aí regista a publicação pela Portugália Editora, entre 1961 e 1970, dos cinco primeiros volumes do *Teatro* de Brecht (em traduções de Ilse Losa, Yvette Centeno e Fiama Hasse Pais Brandão, com a colaboração de Jorge de Sena ou Alexandre O'Neill, nos poemas), um projecto que ao ser lançado pretendia cobrir a totalidade da obra dramática do autor, mas que foi abandonado, embora em 1975 viesse a ser ainda publicado um sexto volume. Dois aspectos a salientar no empreendimento da Portugália são o facto de as traduções serem "directas", ou seja, do alemão – e não por intermédio do francês ou de outras línguas, como era prática corrente –, e a publicação em paralelo de um volume de *Estudos sobre teatro: Para uma arte dramática não aristotélica* (s.d.[1964]), que reproduz a selecção de Siegfried Unseld editada pela Suhrkamp em 1957.

Há, contudo, pelo menos três vectores que liminarmente distinguem o *Teatro* de Brecht que agora nos surge do seu já longínquo antecessor da Portugália. O primeiro diz respeito ao facto de as traduções agora apresentadas (embora sendo por vezes revisão de traduções já anteriormente levadas à cena) assentarem numa cuidada edição crítica dos originais que constitui hoje em dia a base incontornável de qualquer trabalho que tome Brecht por objecto: refiro-me à chamada *Große kommentierte Berliner und Frankfurter Ausgabe*, publicada pela Suhrkamp entre 1988 e 1999, com organização de Werner Hecht e outros colaboradores. Este facto é obviamente decisivo para todos os efeitos imagináveis, da representação à leitura, mas muito em particular para dar resposta a uma situação relativamente nova que merece ser pensada (e que, como é evidente, não respeita apenas à obra de B. Brecht): é que, por razões bem definidas que

não vêm ao caso, existe um público progressivamente maior situado nas áreas dos chamados "estudos comparados" que, vendo-se na contingência de ler os autores alemães em tradução, precisa no entanto de dispor de textos que logo no plano filológico da edição dos originais, ou seja, antes ainda de falarmos na qualidade das traduções, ofereçam aquele mínimo de garantias quanto à fixação dos textos e respectivas variantes, que é imprescindível para a segurança do trabalho desenvolvido nessas áreas, sendo que esse trabalho tem que ser visto como crucial na produção de pensamento em torno dos autores em causa, na revitalização da sua recepção e na respectiva mediação (designadamente na comunicação social) para o grande público. Nesta ordem de razões não deixa de ser significativo que o aparecimento dos primeiros volumes do *Teatro* de Brecht seja praticamente coincidente com o lançamento dos dois primeiros volumes das *Obras escolhidas* de Walter Benjamin em tradução portuguesa (Benjamin 2004a e 2004b).

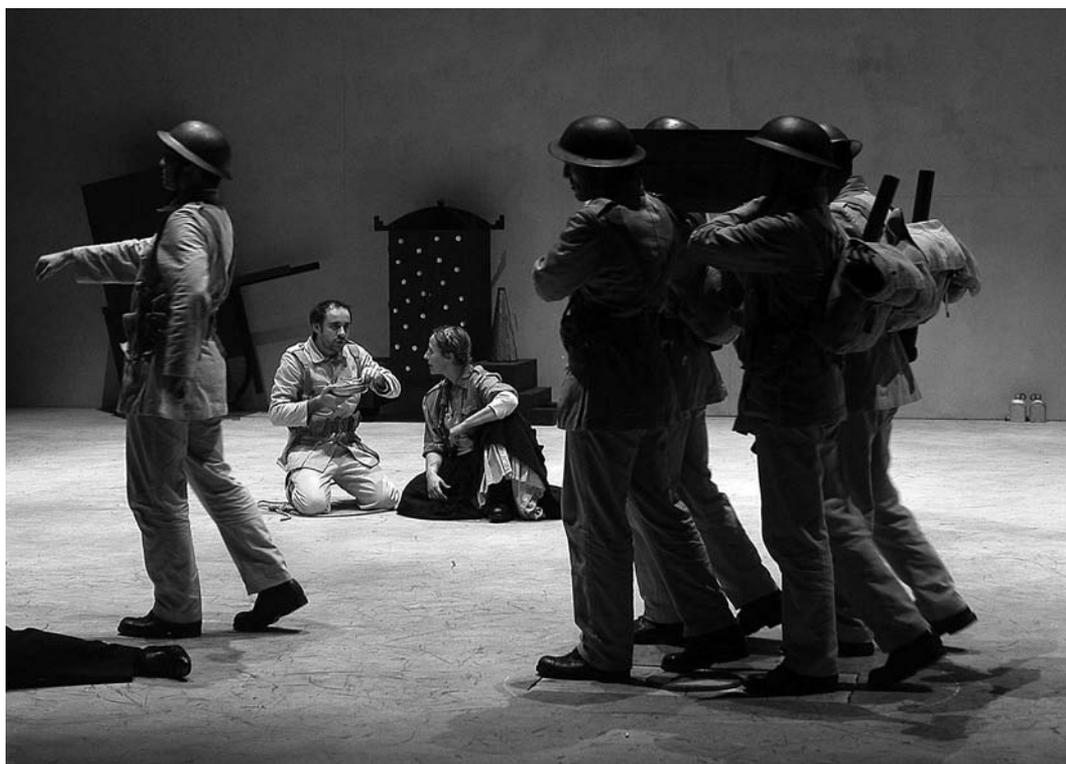
Um segundo vector a individualizar o novo projecto-Brecht é o que diz respeito ao rigor e amplitude da informação apresentada nos estudos introdutórios de Vera San Payo de Lemos. As duas introduções até agora surgidas constituem antes de mais instrumentos de grande utilidade para o leitor, mas são para além disso contributos notáveis para o estudo das peças, e certamente em particular para quem se interessar activamente pela respectiva encenação e representação. Destacaria pelo menos dois aspectos destas introduções: por um lado, o modo como as peças de Brecht são postas em relação clara com o progressivo desenvolvimento (aliás, muito pouco linear) da estética brechtiana nas suas múltiplas implicações, de ordem política, social ou propriamente artística; por outro lado, o cuidado posto na explicitação do percurso vivo de cada uma das peças ao longo dos vários momentos de reelaboração ou de transformação a que a prática marcadamente experimental de Brecht as vai submetendo. Deste último aspecto decorre também de algum modo a enunciação dos critérios que levam à preferência dada a uma determinada versão em detrimento de outras.

No primeiro volume, que cobre precisamente peças cujas primeiras versões se situam nos primeiros anos da produção de Brecht, entre 1918 e 1922, a introdução coloca

particular ênfase na autonomização de Brecht em relação aos caracteres mais típicos do drama expressionista e em geral das opções estéticas dos expressionismos. No segundo volume, que reúne peças cujas primeiras versões foram elaboradas entre 1923-24 e 1928, a introdução proporciona uma elucidativa síntese de alguns dos tópicos que individualizam definitivamente o "teatro épico" (designadamente do "efeito de distanciação", a que a autora justificadamente prefere chamar "efeito de estranhamento") e muito em particular da relação entre Brecht e os compositores com quem trabalhou, designadamente Kurt Weill. Elucidativa da atenção dada às particularidades estilísticas da linguagem brechtiana neste período é, por exemplo, a análise que a comentadora faz da diversidade de recursos usados em *A vida de Eduardo II* (pp. 13-14), análise essa que depois encontra eco na tradução de Manuel Resende.

Uma terceira especificidade deste Brecht foi abundantemente enfatizada pelos membros da equipa responsável nas entrevistas acima referidas. Trata-se do facto de as traduções que agora se apresentam serem todas elas feitas a pensar antes de mais na representação cénica, e produzidas por tradutores de um modo ou de outro directamente ligados às práticas envolvidas na produção do espectáculo de teatro. Enquanto critério pragmático, terá certamente algumas vantagens: o tradutor que tem experiência directa da escrita para teatro encontrará porventura com maior facilidade as soluções cenicamente mais funcionais, comunicacionalmente mais eficazes, mais conformes aos hábitos e às possibilidades de dicção e elocução próprias das práticas cénicas na "cultura de chegada"; saberá possivelmente também escolher de entre várias possibilidades de tradução de uma mesma unidade discursiva – palavra, locução, frase, mas também interrupções, ritmos, etc. – aquelas que melhor se adequam a uma lógica da representação que muitas vezes não terá que se confundir com uma lógica da leitura; conseguirá talvez aperceber-se com maior prontidão de quais os valores de escrita mais potencialmente pregnantes da comunicação cénica e portanto mais capazes de nortear a decisão, sempre difícil para o tradutor, entre o que pode e o que não pode perder-se... Poder-se-ia prolongar esta lista de vantagens, mas o que

>
Um homem é um homem,
 de Bertolt Brecht,
 enc. Luís Miguel Cintra,
 Teatro da Cornucópia,
 2005
 (em primeiro plano:
 Duarte Guimarães,
 Nuno Lopes, João Lizardo,
 Henrique Cardador e
 Tiago Matias;
 em segundo plano:
 Dinarte Branco e
 Maria João Luís),
 fot. Luís Santos.



não vejo é como transformar racionalmente estas observações quantitativas num argumento com alguma autonomia qualitativa, e muito menos em argumento de autoridade. Aliás, em tese – e independentemente da qualidade geral inquestionável destas traduções, mas independentemente também de uma análise tradutológica de pormenor, que obviamente não cabe nos estreitos limites de uma recensão –, em tese, repito, as referidas vantagens podem transportar consigo o reverso da medalha: pode correr-se o risco de a partir de algum momento se estar a trabalhar mais no domínio da adaptação do que no da tradução (o que em si mesmo, para uma dada produção, pode fazer sentido, mas que nos desviaria dos propósitos de uma edição como esta); pode a "cultura de chegada", nomeadamente naquilo que são os seus hábitos cénicos e dramaturgicos mais implícitos, sobrepor-se à recepção do estranho precisamente enquanto estranho (o que em geral é o que de pior pode acontecer aos textos); pode a gama de potencialidades de sentido de um texto reduzir-se em função dos mecanismos endógenos de defesa e conservação do profissional de teatro, que está tão exposto aos "malefícios da especialização" como qualquer outro (e esse seria o modo mais "natural" de contrariar frontalmente os autores mais avessos à redução "sistematizadora" e canonizante da sua produção, como é

obviamente o caso de Brecht). E assim por diante... Mas devo dizer, para evitar alguma incompreensão destas observações, que a presente edição me parece contornar decididamente estes perigos; e se o consegue é decerto porque, para lá da proveniência profissional dos organizadores, se jogam aqui objectivamente dois outros factores que, relacionando-se com ela, não se reduzem a ela: é que, por um lado, nenhum deles é exclusivamente uma personalidade ligada profissionalmente ao teatro e cada um deles tem um campo de intervenção e produção cultural muito mais vasto onde cada qual põe em prática outras competências que muito enriquecem a do tradutor; e, por outro lado – como aliás se verifica na indicação da autoria de várias das traduções –, souberam fazer da reunião precisamente das suas diferenças uma espécie de inteligência colectiva ao serviço deste projecto.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter (2004a), *Obras escolhidas: Imagens de pensamento*, ed. e trad. de João Barrento, Lisboa, Assírio e Alvim.
 -- (2004b), *Obras escolhidas: Origem do drama trágico alemão*, ed., apres. e trad. de João Barrento, Lisboa, Assírio e Alvim.